

**Boletim Número 02**

**Data: Outubro/2000**

## EDITORIAL

O segundo número do periódico mensal do Programa de Estudos de América Latina e Caribe chega à comunidade às vésperas da realização do I Fórum Universitário Mercosul na UERJ, que levará ao público em geral e das Universidades em particular – brasileiras e dos países da América Latina – uma série de debates sobre o Mercosul, e discutirá através de Grupos de Trabalhos Temáticos, questões de grande relevância para esse território.

Conforme previu o professor Emir Sader, estudioso dos problemas de América Latina, em matéria publicada na Isto É de 09/08/2000, uma nova batalha ocorrerá em Quebec, no Canadá, em abril de 2001, por ocasião da reunião da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). Nela, “os americanos vão procurar demonstrar que o crescimento obtido pelo México está relacionado à sua integração com a economia dos EUA”. Neste contexto, o Brasil está omisso diante das manobras americanas para enfraquecer o Mercosul e impor a ALCA à América Latina.

O Mercosul é hoje um elemento decisivo para os países da região: “ou a América Latina se integra com uma posição de força, ou vira uma espécie de zona franca”.

A despeito das eventuais diferenças econômicas, os países do Cone Sul precisam considerar que o mundo está comandado por três megamercados situados no Hemisfério Norte, e o Mercosul, mesmo modestamente, é o único processo de integração do Hemisfério Sul. Se nós não nos defendermos coletivamente, seremos tragados, avassalados por estes três megamercados, como observou Sader. Portanto, a questão do Mercosul não se resume a um discurso sobre comércio, mas sim de uma visão política e uma consciência de que se tente resolver economicamente as diferenças. Melhor dizendo, hoje a questão fundamental é a sobrevivência desses países do Mercosul como nações independentes.

Diante desta situação, as universidades não podem se calar, é preciso criar um sentimento de “latinidade” que resgate a importância de pensarmos as problemáticas que abalam essa região, e de gerarmos propostas que auxiliem na resolução das mesmas.

A realização do I Fórum Universitário Mercosul pelo PROEALC e FOMERCO, com o apoio da UNESCO/Mercosul, FAPERJ, LPP/UERJ, SR-2 e SR-3, é um passo nessa direção. Por isso contamos com a participação de todos vocês.

**Silene de Moraes Freire**

### *Em Foco I*

---

#### Opinião

*Wellington C. Lima\**

São comuns as notícias que revelam a má qualidade da educação na América Latina, entretanto, poucas vezes conseguimos ter noção do significado deste fato num contexto mais amplo. Os péssimos indicadores

nesse setor ao longo da história, não têm apontado para previsões otimistas. Ao contrário, apenas demonstram a complexidade dessa questão.

Na obra *Desigualdade na América Latina*, o debate adiado (2000), Bernardo Kliksberg ao analisar as raízes históricas da desigualdade nessa região, observa que as concepções econômicas alinhadas a teoria desenvolvida por Simon Kuznets, sintetizada pela sua “Curva de Kuznets” — que considera a desigualdade econômica como uma primeira fase necessária para a modernização e o crescimento do processo capitalista — inspiraram várias correntes que buscaram analisar essa questão. Podemos perceber, por exemplo, no Brasil, a presença de tal concepção na política econômica implementada pelo ex-ministro Delfim Neto, ao defender a necessidade de primeiro se esperar o “bolo crescer para depois dividi-lo”.

A partir de J. Robinson, essa proposição, que acabou se tornando uma epistême, começou a ser questionada. Entretanto, essa ideologia, que parecia derrotada retorna e renova-se, após o colapso do welfare state, com força total nas políticas de tendências neoliberais, tendo como modelo histórico a Reaganomics, que tinha como estatuto teórico a Curva de Lafer, política econômica implantada pelo presidente Ronald Reagan que consistia basicamente na redução de impostos para os mais ricos e de gastos sociais que beneficiavam os mais pobres. Tinha como finalidade a concentração de capitais sob a argumentação da otimização de grandes investimentos produtivos, que indiretamente, promoveria ganhos para toda a sociedade através da mão-invisível smithiana.

Kliksberg atesta a ocorrência de diversas pesquisas que põem abaixo as teorias tradicionais, ao que em suma propõem:

1. “A flexibilidade da pobreza ante o crescimento se reduz quando a desigualdade é maior” (Martin Ravallion);
2. “A redução das desigualdades cria condições propícias para um aumento significativo do investimento na formação de capital humano”;
3. “Uma estratégia de melhoria da equidade pode influenciar favoravelmente as taxas de poupança nacional”;
4. “A melhoria da equidade tem efeitos positivos sobre as possibilidades de desenvolvimento tecnológico”;
5. “A melhor equidade criará também condições mais favoráveis para o fortalecimento e desenvolvimento do capital social”;
6. “Quanto maior a desigualdade numa sociedade, menor será a confiança dos cidadãos uns nos outros, menor a coesão social, e isso incide diretamente na saúde pública” (Ichiro Kawachi, Bruce Kennedy e Lochner Kimberly);
7. “Os altos níveis de desigualdade afetam duramente a tão almejada “governabilidade” das sociedades democráticas”.

Kliksberg conclui que “as sociedades que tendem a fortalecer a equidade e a melhorá-la têm melhores resultados econômicos, sociais e políticos a longo prazo”. A América Latina, logicamente, não se enquadra em tal conclusão, pois apresenta o maior grau de desigualdade do planeta.

Segundo Stewart (1998) a promíscua concentração de renda dos países latino-americanos em relação ao resto do mundo é alarmante.

No que concerne ao acesso à educação, percebe-se uma forte correlação com às condições sócio-econômicas iniciais. Constata-se que a América Latina, é caracterizada por uma heterogeneidade de circuitos educativos, devido, justamente a essa disparidade de renda, que deteriora seus níveis de desigualdade. Kliksberg reproduz a conclusão da análise construída por Nancy Birdsall, David Ross e Richard Sabot: na América Latina, as elites governantes aparentemente se viram menos impelidas a perceber um vínculo entre seu bem-estar futuro e o futuro bem-estar dos pobres; na maioria dos países latino-americanos, as políticas adotadas foram congruentes com a percepção oposta, ou seja, que as elites poderiam prosperar independentemente do que ocorresse com aqueles que se acham no terço inferior da distribuição da renda.

O péssimo desempenho escolar apresentado pelo Brasil se evidencia pelos indicadores socializados pela UNESCO em 1996. Das crianças brasileiras, em idade escolar, 55,7% repetem a primeira série do Primeiro Grau, quando a média latino-americana é de 42% e apenas 1% dos alunos brasileiros consegue completar a sexta série sem apresentar repetência, taxa equivalente a do Haiti. Nos países avançados o gasto médio anual por aluno, no Primeiro e Segundo Graus, é de US\$4.170, enquanto na América Latina se limita a US\$252.

Podemos acrescentar a esses vergonhosos números nacionais 20 milhões de analfabetos absolutos (conforme definição da Unesco). Dada essa situação alarmante não só do Brasil como de toda a América

Latina, a questão da educação deveria estar sendo priorizada na agenda política latino-americana. Entretanto isso não tem ocorrido, o que podemos observar é que o ingresso dessa região no século XXI se dará com o peso de uma herança negativa, em vários setores, sobretudo no campo educacional, o que por si só perpetuará a condição de subalternidade dos países latino-americanos em relação aos países desenvolvidos. Desse modo, Kliksberg está correto ao afirmar que o debate acerca da desigualdade na América Latina mais uma vez será adiado.

\* O autor é membro do Conselho Consultivo do PROEALC, sociólogo, economista e mestrando do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social da UERJ.

## *Espaço Aberto*

---

### **Entrevista**

No mês de outubro, um dos maiores intelectuais do Brasil, o professor Francisco de Oliveira, concedeu com exclusividade uma entrevista ao nosso Programa, onde analisou temas políticos relevantes para a América Latina.

**PROEALC – Professor, o senhor tem afirmado que a América Latina, e especialmente o Brasil, combinou desde sempre uma posição de “vanguarda do atraso e atraso da vanguarda”. Explique melhor essa afirmação.**

**Francisco de Oliveira** – O Brasil e a Argentina, por exemplo, já independentes, conseguiram chegar a serem líderes das mais importantes mercadorias do comércio internacional, respectivamente o café – primeira mercadoria do comércio internacional até a década dos quarenta deste século, quando foi ultrapassada pelo petróleo – e a Argentina com cereais e carnes. Vejamos o que aconteceu, como “vanguarda do atraso”: a economia brasileira cresceu ininterruptamente desde 1870 a 1980, com as mais altas e mais sustentadas taxas de crescimento do mundo capitalista. Produziu uma sociedade com uma das piores distribuições de renda do mundo! A Argentina, que nas primeiras décadas do século já possuía metrô, cuja renda per capita estava entre as primeiras do mundo, equivalendo-se aos países escandinavos e sendo superior à Itália, produziu uma sociedade política retrógrada, fundamentalista, católica ultramontana.

A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a poderosa e mítica FIESP, em 1927, opondo-se à nova legislação trabalhista, - e não era Vargas ainda – emite um parecer sobre a concessão de férias para os comerciários, em que argumenta, paradoxalmente, que a concessão de férias a trabalhadores que trabalham apenas com o cérebro – os do comércio – os conduzirá a desocupação cerebral e isto pode direcioná-los ao crime. É uma argumentação do catolicismo ultramontano, em que a Igreja se preocupava com a vadiagem, que deixaria lugar para a luxúria. Os que conhecem a história e a disputa das medidas de política social conhecem o episódio. É a isso que chamo combinação da “vanguarda do atraso e do atraso da vanguarda”.

No caso específico da adoção de políticas neoliberais, os países da periferia querem ser mais realistas que o rei: adiantam-se a políticas que nem os países mais desenvolvidos praticam – salvo a Inglaterra de Thatcher – enquanto nunca chegaram à soleira dos níveis de política social do Estado do Bem-Estar. É uma peculiaridade típica da periferia.

**PROEALC – Quais as características centrais dos atuais “regimes democráticos” da América Latina nesse final do século XX?**

**Francisco de Oliveira** – O caso de Fujimori agora dramatizado pelos recentes acontecimentos nos diz exatamente que o regime democrático na América Latina é um simulacro perigoso. O presidente peruano diz que é ele quem governa, junto com a filha, que não foi eleita para nada. Num dia se tri-elege, noutro diz que vai convocar eleições, sendo que o regime não é parlamentarista nem ele tem poderes de dissolver o congresso nem de encurtar seu mandato. Isto para ficar na superfície dos fatos políticos.

O que marca os regimes democráticos na América Latina como simulacro é seu caráter de permanente ad hoc, trabalhando na exceção permanente, sua sujeição e volatilidade. Raúl Alfonsín encurtou seu próprio mandato, na Argentina, há 11 anos atrás, basicamente por que a especulação financeira em que a própria

Argentina estava envolvida tornava inócua sua atuação. No Brasil, neste ano de 2000, o governo apregoava um superávit de balança comercial que iria para 11 bilhões de dólares; trabalha agora para manter-se num déficit zero. Isto quer dizer que se entre o previsto e o possivelmente realizável media uma diferença de 11 vezes, é que o governo não tem nenhum controle, nem pode ter. Para que serve um governo, então? De tanto trabalhar para que trabalhadores sejam supérfluos, os governos terminam tornando-se supérfluos. Esse é destino dos governos latino-americanos, e por isso não podem ser democráticos. O que se tem é uma ilusão institucional de democracia.

### **PROEALC – Quais os efeitos já visíveis do neoliberalismo globalizado na América Latina?**

**Francisco de Oliveira** – Os efeitos já visíveis do neoliberalismo na América Latina podem ser resumidos no que foi dito anteriormente: os governos tornaram-se supérfluos. Vejam na Argentina, outra vez: o povo elege os governantes argentinos, para governarem, é claro. Mas há uma lei, votada pelo próprio Parlamento Argentino, que impede que o governo- Executivo e Legislativo, basicamente – governe, pois não podem mexer na paridade dólar-peso. Ora, como se pode governar se não se pode mexer na moeda, sendo que esta é a expressão máxima do Estado moderno? No Brasil, estamos muito próximos: os gastos do estado não podem ultrapassar as metas acordadas com o FMI. Há um controle externo às próprias instituições democráticas, feitos por entidades internacionais que não têm mandatos populares para tanto. Chegou-se àquilo que Weber temia: à “jaula de ferro” que aprisiona a democracia, como determinação da burocracia do capital.

Estas são as deformações mais profundas que o neoliberalismo já fez na América Latina e cujas conseqüências serão sentidas por muito tempo. A soberania latino-americana é, hoje, em larga medida, uma ficção.

### ***Livros lançamentos***

---

- Revista del Observatório Social de América Latina / OSAL. Año I, nº 2 / Septiembre 2000.
- Reestructuración Productiva, Mercado de Trabajo y Sindicatos en América Latina, de Enrique de la Garza Toledo (org.). Buenos Aires: CLACSO.
- Da Escola ao Desemprego, Enric Sanchis. Editora Agir.
- La Colonidad del Saber: Eurocentrismo y Ciencias Sociales, de Edgardo Lander (org.). Buenos Aires: CLACSO.
- La Filosofía Política Moderna. De Hobbes a Marx, de Atilio Borón. Buenos Aires, CLACSO.
- O Mercosul no Limiar do Século XXI, de Marcos Costa Lima e Marcelo de Almeida Medeiros (orgs.). Buenos Aires: CLACSO.
- Poligro de Gol: Estudios sobre Deporte y Sociedad en América Latina, de Pablo Abranches (compilador). Buenos Aires: CLACSO.

### ***Agenda Acadêmica***

---

#### **Programa do I Encontro do Fórum Universitário Mercosul**

**Dia 08/11/2000**

**Auditório 13 – 1º andar UERJ**

17h – Início das Inscrições e Entrega do Material dos Participantes dos Grupos de Trabalho

17:30h – Coquetel de Abertura

18h – Solenidade de Abertura

19h – Conferência:

“O Mercosul no contexto atual da Globalização”

Conferencista: Aldo Ferrer

Director del Programa de Estrategia Económica Internacional y Mercosur (PROMESUR) – Universidad de Buenos Aires – UBA

Dia 09/11/2000

9º andar – UERJ

8:30h – 12h

### **Grupos de Trabalho**

1. Políticas Educacionais no Mercosul
2. Cidadania e Direitos Humanos no Mercosul
3. Mercosul, ALCA e União Européia
4. Trabalho no Mercosul
5. Cooperação Científica e Tecnológica no Mercosul

Almoço (12h – 13h)

13h – 17:30h

### **Grupos de Trabalho**

1. Políticas Educacionais no Mercosul
  2. Cidadania e Direitos Humanos no Mercosul
  3. Mercosul, ALCA e União Européia
  4. Trabalho no Mercosul
- Conselho Consultivo do Fórum Universitário Mercosul  
Temas Administrativos e Estatutários

Dia 09/11/2000

Auditório 13 – 1º andar UERJ

17:40 h – Coffee Break

18h – 22h

### **Mesa Redonda I**

“Mercosul: Integração Regional ou Transnacional?”

Coordenação:

Guy de Almeida – PUC-MG

Conferencistas:

Emir Sader – UERJ

Paulo Fagundes Vizentini – UFRGS

Tullo Vigevani – UNESP

Jorge Alberto Grandi – CEFIR

Dia 10/11/2000

9h – 12h

Intercâmbio de Experiências

Mercedes Isabel Botto – FLACSO

Míriam Abramovay – UNESCO / Mercosul

12h – 13h – Almoço.

14h – 18h

### **Plenária do Fórum**

Temas Administrativos e Estatutários

18:00 h – Coffee Break

19h – 22h

### **Mesa Redonda II**

“Avaliação da Integração Educacional”

Coordenação:

Silene de Moraes Freire – UERJ

Conferencistas:

Marília Costa Morosini – UFRGS

Íris Mabel Laredo – UFRGS, ULP  
José Flávio Sombra Saraiva – UnB

**Público Alvo:** Comunidade Acadêmica interna e externa (do Brasil e demais países do Mercosul)

Haverá uma Feira de Livros no hall do 1º andar.

ENTRADA FRANCA – Confere-se Certificado aos Participantes.

**Informações:**

UERJ – Rua São Francisco Xavier, 524  
sala 8019E – Maracanã – Rio de Janeiro  
e-mail: proealc@uerj.br  
Home Page: www2.uerj.br/proealc.

**Expediente**

**Reitor**

Profª Nilcéia Freire

**Vice-reitor**

Profº Celso Pereira de Sá

**Sub-reitor de Graduação**

Profº Dr. Isac José Vasconcellos

**Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa**

Profª Dra. Maria Andréa Loyola

**Sub-reitor de Extensão e Cultura**

Profº Dr. André Lázaro

**Diretora do Centro de Ciências Sociais**

Profª Dra. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves

**Coordenadora do PROEALC**

Profª Dra. Silene de Moraes Freire

**Editores Responsáveis**

Profª Dra. Silene de Moraes Freire e Andréia de Souza de Carvalho (PROEALC/CCS/UERJ)

**Coordenação de Produção**

Janaina Bilate Martins (PPGSS/FSS/UERJ) e Mariana Setúbal (PROEALC/CCS/UERJ)

**Colaboradores**

Prof. Dr. Francisco de Oliveira (USP e FSS/UERJ) e Wellington C. Lima (PPGSS/FSS/UERJ)

**Projeto Gráfico**

Érica Fidelis (NAPE/DEPEXT/UERJ)

**Diagramação**

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)

**Revisão**

Janaina Bilate Martins

Raquel Ortega (PROEALC/IL/UERJ)